

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.009



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

QUAL A IMPORTÂNCIA DO CRISTIANISMO PARA A ÉTICA CONTEMPORÂNEA?

What is the importance of Christianity for contemporary ethics

Filipe Oliveira Breder¹

RESUMO

Este artigo investiga a necessidade de fundamentos externos para a ética contemporânea, questionando como a falta de uma base transcendente pode afetar a moralidade em um contexto pós-moderno. O texto explora diferentes abordagens éticas, destacando a proposta cristã de uma ética baseada no caráter divino e nos atributos de Deus. Argumenta-se que outras filosofias de vida não oferecem uma base sólida para os valores morais, deixando questões fundamentais sem resposta, como a definição de certo e errado. Além disso, o artigo examina como a ética cristã equilibra normas, motivação e satisfação, proporcionando uma base interna e externa para a moralidade. Contrastando com a ênfase na liberdade individual na pós-modernidade, o texto destaca que a verdadeira liberdade vem da escolha das restrições certas e das liberdades certas. Conclui-se que o cristianismo oferece uma base moral sólida, motivada pelo amor e pela gratidão, que é indispensável em um mundo pós-moderno em busca de significado e propósito.

Palavras-chave: Ética contemporânea. Pós-modernidade. Cristianismo. Oralidade, Liberdade.

ABSTRACT

This article investigates the need for external foundations for contemporary ethics, questioning how the lack of transcendent basis can affect morality in a postmodern context. The text explores different ethical approaches, highlighting the Christian proposal of an ethic based on the divine character and on the attributes of God. It argues

¹ Graduado em Teologia pelo Seminário Batista Sul-Mato-Grossense e Mestrando em Teologia pela FABAPAR. É pastor de ensino na Primeira Batista de Campo Grande – MS e coordenador na Escola do Discípulo. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8327-4684>. E-mail: filipebreder@gmail.com

that other philosophies of life do not provide a solid basis for moral values, leaving fundamental questions unanswered, such as the definition of right and wrong. Furthermore, the article examines how Christian ethics balances norms, motivation and satisfaction, providing an internal and external basis for morality. In contrast to the emphasis on individual freedom in postmodernity, the text highlights that true freedom comes from the choice of the right restrictions and liberties. It concludes that Christianity provides a solid moral foundation, motivated by love and gratitude, which is indispensable in a postmodern world in search of meaning and purpose.

Keywords: Contemporary ethics. Postmodernism. Christianity. Morality. Freedom.

INTRODUÇÃO

Qual a necessidade da fé para fundamentar a moralidade? Num período em que a verdade é relativizada, na qual os sentimentos e a subjetividade se tornaram o fundamento central da moralidade, como ter fundamentos éticos que sejam sólidos e aplicáveis a todos? Pois, se não existe um fundamento exterior ao ser humano que traga base para a moralidade, como afirmam os pós-modernos, como é possível resolver dilemas éticos na vida prática? Qual o fundamento? Quem grita mais alto?

Existem diversas propostas éticas na atualidade. Os cristãos afirmam a existência de uma ética transcendente, baseada no caráter e nos atributos de Deus. Como afirma Campos:

O caráter divino é o fundamento de qualquer ética cristã. Nós não somos a medida da moralidade, embora exista uma noção (ainda que anuviada) de certo ou errado nos homens que contribui para a ideia de que os homens têm a impressão ética divina: uma lei impressa no coração (Rm 2.14-15).²

Ainda que o pecado tenha corrompido o correto entendimento e aplicação dessa moralidade, os cristãos creem que essa lei divina deve ser internalizada no coração. Deus deve ser a medida ética em todos os sentidos. Muitos ainda creem que a ética pode ser construída apenas na contemplação da criação. Como o deísmo³, em que a ética está fundamentada na revelação geral, na própria criação é possível conhecer o que é bom e o que é mau.

No naturalismo o fundamento ético está relacionado apenas nos seres humanos, numa ética autônoma e situacionista e subjetiva. O grande problema dos naturalistas não é o fato de não possuírem ética. Eles acreditam em princípios morais, se escandalizam com o holocausto e clamam por direitos humanos. O problema não está em não reconhecer valores morais, mas não ter base para eles. Campos diz que o naturalista, para ser coerente com sua cosmovisão, precisa encontrar na matéria e na energia uma fonte de moralidade.⁴ Mas a natureza (ciência) não tem poder para fornecer tal base, apenas diz o que a natureza é e como se tornou aquilo. O próprio Richard Dawkins, proselitista contra a fé, reconhece esse problema quando diz que “A ciência não tem qualquer método para decidir o que é ético... É muito difícil

² CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo:** por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 427.

³ Doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada [O deísmo difundiu-se principalmente entre os filósofos enciclopedistas e foi o precursor do ateísmo moderno].

⁴ CAMPOS Jr, 2019, p. 428

defender valores morais absolutos sobre algum fundamento que não o religioso”.⁵ Do ponto de vista naturalista, a natureza somente é, e não pode providenciar à humanidade um senso de dever.

Ética é sobre dever, sobre o que deve ser e o que não deve ser, sobre bem e mal. Para isso, é necessário um fundamento externo à natureza. Apenas na natureza não é possível estabelecer um fundamento de moralidade, será necessário reconhecer que o universo é indiferente e sem propósito. Como afirma Singer:

Não há razão para pensar que um peixe sofre menos quando morre numa rede do que sofre um feto durante um aborto, e assim o argumento para não comer peixe é mais forte do que o argumento contra o aborto... A vida de um bebê recém-nascido é de menor valor do que a vida de um porco, de um cachorro ou de um chipanzé.⁶

No debate sobre moralidade, só é possível afirmar se algo é bom ou ruim quando é possível designar seu *telos*, o propósito para qual algo existe, algo impossível se ser determinado apenas na natureza. Keller afirma que quando céticos afirmam que não sabem se os seres humanos foram criados para um objetivo específico, eles acabam solapando a possibilidade de falar em pessoas fazerem o que é certo ou errado.⁷

Se o naturalismo não é capaz de trazer propósito, e com ele um fundamento para a moralidade, onde encontrar? Dentro do próprio ser humano, na subjetividade dos sentimentos, desejos e prazeres. Esse tem sido o fundamento ético da pós-modernidade. Com o “fracasso” da razão, o certo e errado deve ser fundamentado naquilo que “faz bem”, na subjetividade do prazer e consumo do ser humano. “Bom é aquilo que a pessoa escolhe”. Na pós-modernidade a ética foi reduzida à uma construção linguística, em que cada cultura constrói a sua. Sire explica dizendo que:

Se na era “pré-moderna” a ética estava relacionada com um Deus transcendente que revela o que é bondade, e na era “moderna” a ética é baseada na razão e experiência universais de discernir o certo do errado, na pós-modernidade é a multiplicidade de linguagens.⁸

Fica evidente que não é possível encontrar um fundamento ético sólido sem pensar com seriedade que ele deve ser encontrado exteriormente ao ser humano. Na vida prática isso é notado, as pessoas não conseguem viver sem uma moralidade externa. Com a crise do racionalismo o ser humano vem buscando cada vez mais essa moralidade exterior. Como Frei Betto mostra:

Atravessamos uma etapa de grande insegurança, com que as pessoas estão buscando respostas fora do racionalismo. Observe-se, por exemplo, o fenômeno do esoterismo: nunca Deus esteve tão em voga como agora. É muito difícil, nos dias de hoje, encontrar um ateu; menos difícil, mas também raro, encontrar um agnóstico. A razão é simples: o ateísmo saiu de moda,

⁵ CAMPOS Jr, 2019, p. 428.

⁶ CAMPOS Jr, 2019, p. 430.

⁷ KELLER, Timothy. **Encontros com Jesus**: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 36-67.

⁸ SIRE, James W. **Universo ao lado**. Brasília: Monergismo, 2017, p. 283-284.

porque todos estão procurando um viés religioso para tentar se observar diante desta crise racionalista.⁹

A pós-modernidade está se tornando mais religiosa, pois não dá conta de viver em um mundo sem propósito, sem fundamentos éticos. O pós-moderno pode arrogar para si as prerrogativas de que não existe uma verdade moral universal, mas na vida prática, não dá conta de viver assumindo as mesmas prerrogativas. A pergunta agora é: Onde estão esses fundamentos? O cristianismo possui respostas para a crise ética da pós-modernidade? Estes são elementos abordados na sequência deste escrito.

1. PRECISAMOS DE UMA ÉTICA CRISTÃ?

No tempo do subjetivismo, como argumentar a necessidade de fundamentos externos ao ser humano (divinos) para uma construção ética? Campos argumenta que toda ética coerente precisa ser fundamentada no legislador Cristão.¹⁰ Em seu livro sobre cosmovisão “Amando a Deus no mundo” ele apresenta três razões do porquê uma ética cristã é necessária. Vale ressaltá-las aqui para nossa discussão.

Primeiramente, uma ética cristã é necessária porque outras filosofias de vida não têm a fundamentação necessária para tais valores. Dizer isso não implica no fato de que não cristãos não possam ser pessoas boas ou ter valores reconhecidos como virtuosos, o problema se encontra no fato de que eles não possuem fundamentos para sustentar sua ética. O holocausto dos judeus na segunda guerra é quase que universalmente reconhecido como algo terrível, mas por quê? Qual o fundamento para dizer que eliminar outros para garantir a “sobrevivência do mais forte” é errado? Seguindo uma visão naturalista da seleção natural¹¹, dizer que o holocausto é errado não pode ser provado empiricamente e logicamente.

Sem uma visão cristã, justiça passa a ser vista apenas como uma opinião pessoal, como afirma Keller se não há Deus ou esfera sobrenatural, não existe padrão.¹² Na pós-modernidade, na qual o principal critério ético é o prazer e a satisfação, com frases do tipo: “siga seu coração” ou “se te faz bem, não é errado”, a fundamentação ética está apenas em um sentimento interno e subjetivo. Não existe uma fonte moral exterior da qual precisem honrar. Se alguém disser: “Isso é o certo a se fazer” ele não terá nenhuma base ou sustentação para seu argumento, seu único critério será convencer pela retórica ou por “gritar mais alto”. Keller levanta essa questão dizendo que sem moral objetiva, não se pode falar de obrigação moral. Além disso, se valores são individuais ou criados por uma comunidade, com que base podemos apelar para que outros indivíduos os aceitem e outras comunidades os apoiem?¹³ E geralmente organizações de direitos humanos sempre dizem que seus valores devem ser assumidos por todo o mundo.

⁹ BETTO, Frei. **Crise da modernidade e espiritualidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

¹⁰ CAMPOS Jr, 2019, p. 433.

¹¹ Seleção natural é o processo proposto por Charles Darwin e Alfred Wallace, os dois responsáveis pela teoria da evolução por seleção natural. A alta fecundidade e a recorrente competição pela sobrevivência em cada espécie geram o pressuposto para esse processo.

¹² KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 47-48.

¹³ KELLER, 2018, p. 177-179.

Em segundo lugar, uma ética cristã é necessária porque falar de ética sem o Deus da Bíblia deturpa o significado dos princípios morais.¹⁴ É irônico notar que a cultura ocidental foi construída em cima de uma ética profundamente cristã, que, quando cétricos desprezam o cristianismo eles estão desprezando justamente a ética que se apegam.

Amor ao ser humano, direitos humanos, cuidado dos pobres, misericórdia, perdão, etc. São todos princípios éticos apreciados na cultura atual que possuem seus fundamentos na Bíblia sagrada e no Deus cristão. Os pós-modernos dizem acreditar nessa ética, mas rejeitam o Deus dessa ética.

Tome como exemplo a ideia de cuidar dos desfavorecidos, tão bem-vista pelas comunidades de direitos humanos, uma ideia fundamentalmente cristã como nos mostra Tim Keller:

Numa cultura que exalta a primogenitura, Deus sempre escolheu o irmão mais novo (Abel em lugar de Caim, Isaque em lugar de Ismael, Jacó em lugar de Esaú, etc.); numa cultura que exalta a mulher com muitos filhos, Deus exaltou mulheres estéreis e lhes fez mães (Sara, Rebeca, Ana, Isabel). Deus nunca escolhe o de Jerusalém, por assim dizer, mas sempre o de Nazaré.¹⁵

O cristianismo através dos séculos foi quem moldou a cultura em favor do cuidado dos desfavorecidos. Pode-se concordar com Campos quando diz que quando Deus é excluído, nega-se o próprio princípio.¹⁶ Ele continua afirmando que não é coerente aceitar o princípio ético sem aceitar o seu fundamento soteriológico.¹⁷

Não é difícil chegar à conclusão de que grande parte dos fundamentos éticos contemporâneos, aceitos até mesmo por não cristãos, estão profundamente enraizados em princípios cristãos. Por essa razão uma ética cristã continua sendo necessária para uma ética sólida em tempos pós-modernos.

Por fim, uma ética cristã é necessária porque o cristianismo é o único que trata de ética equilibrando normas, motivação e satisfação.¹⁸ Afinal, quando se fala de uma obrigação ética entra-se no problema do porquê ela deve ser obedecida? Qual a motivação para tal? Como “convencer” a humanidade de que certos princípios devem ser obedecidos? Muitos seguem por um caminho de que ser ético faz bem, torna as pessoas mais felizes e pacíficas. Porém, esse pensamento não abre espaço para o sacrifício que muitas vezes é necessário.

Para aqueles que insistem em uma ética com valores morais objetivos, com deveres e obrigações, retorna-se para o problema de que sem Deus não existem fundamentos para tais normas, seu cumprimento será apenas externo (uso da força ou da retórica) mas não terá impacto interno, nas motivações. Para que haja um padrão moral universal ele deve ser capaz de ter fundamentos tanto externos como internos, deve ser capaz de motivar as pessoas de dentro para fora.

¹⁴ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁵ KELLER, 2015, p. 28.

¹⁶ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁷ CAMPOS Jr, 2019, p. 435.

¹⁸ CAMPOS Jr, 2019, p. 436.

Frame afirma que o cristianismo é o único modo de sustentar aspectos teleológicos, deontológicos e existenciais para a ética, ao mesmo tempo.¹⁹ Campo, citando Frame diz que:

Fazer o bem ao próximo e honrar a Deus são a nossa bem-aventurança (teleológico), que conhecemos o que é bom mediante valores morais objetivos (deontológico), sem negligenciar a importância das motivações em nosso coração (existencial).²⁰

Esse princípio pode ser muito bem observado na vida do apóstolo Paulo e em sua ética. Como visto em 2 Coríntios 5.7, Paulo afirma que em Cristo o ser humano recebe nova vida e uma nova motivação para viver. A motivação moral não está mais no cumprimento objetivo da lei, mas na transformação do coração e uma obediência baseada na gratidão e na disposição voluntária. Lourenço Rega afirma que:

Ao refletir no pensamento paulino, portanto, em vez de pensar numa ética de regras, “nomotética” ou absolutista, temos de considerar uma ética de dedicação de vida, um voluntarismo ético que conduz à liberdade cristã. Com isso, a ética paulina diverge da ética judaica à medida que esta fundamenta-se na observação da lei mosaica e na obediência cega a regulamentos interpretativos da própria lei.²¹

Rega segue dizendo que através da boa notícia do evangelho, por gratidão, o centro gravitacional da vida do cristão deixa de ser o próprio interesse, os bens — autonomia — para ser redirecionado para Cristo e sua vontade — teo-heteronomia.²²

Smedes também aborda o caráter transformador de uma ética voluntária baseada no amor e na gratidão, ele lembra que o amor transforma os mandamentos negativos em ordenanças positivas. Isto é, o amor “muda o evitar passivo do mal para o fazer ativo do bem”.²³ Apenas no cristianismo temos uma ética que surge de dentro para fora, uma ética que transforma as motivações.

2. A NECESSIDADE DA ÉTICA CRISTÃ EM CONTRAPONTO À LIBERDADE PÓS-MODERNA

Na pós-modernidade o princípio da liberdade talvez seja o fundamento mais importante. O slogan vigente é “Seja livre para viver como bem entende, desde que não faça mal para ninguém.” O padrão é usar da liberdade para buscar o próprio prazer e felicidade. O filósofo cristão Taylor diz que a primícia da pós-modernidade é: “Que cada pessoa faça o que lhe aprouver, e [...] ninguém deveria criticar os valores de ninguém, pois todos têm o direito de viver a própria vida, como você faz. O único pecado não tolerado é a intolerância”.²⁴ Essa narrativa sempre foi importante, mas agora ela se tornou de extrema importância. No meio

¹⁹ FRAME, John M. **A doutrina da Vida Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 70.

²⁰ CAMPOS Jr, 2019, p. 437.

²¹ REGA, Lourenço Stelio (Org.). **Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre**. São Paulo: Vida, 2004.

²² REGA, 2004.

²³ LEWIS, B. Smedes. **Mere Morality: what God expects from ordinary people**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 13,16.

²⁴ TAYLLOR, Chales. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

disso, o cristianismo se torna um inimigo da liberdade, pois se trata de uma estrutura que para escolher a Deus é necessário renunciar à liberdade.

Para os pós-modernos a verdadeira liberdade tem sido definida como a total ausência de restrições, quanto menos limites, mais liberdade o indivíduo terá. Keller em seu livro *Deus na era Secular* argumenta que essa visão é obsoleta e possui contradições, que na prática da vida ela se tornam inviáveis.²⁵

Primeiramente uma visão de que liberdade é ausência de restrições é inviável pois os desejos humanos sempre entram em conflito uns com os outros. Na realidade existem diversas liberdades e ninguém consegue ter todas. Tome como exemplo um homem que precisa escolher entre ter mais tempo ou renunciar ao seu tempo para praticar e ser um pianista renomado. Ele terá que escolher qual liberdade é mais importante para ele. A verdadeira questão não é ser completamente livre, mas sobre qual liberdade é mais importante. Sobre isso Keller diz:

Vemos, portanto, que liberdade não é o que a cultura nos diz. A verdadeira liberdade vem da perda estratégica de algumas liberdades a fim de se conquistar outras. Não é a ausência de restrições, mas a escolha das restrições certas e das liberdades certas a se perder.²⁶

É possível argumentar também que essa autonomia não só é inviável como também impossível a longo prazo, visto que o ser humano sempre foi e sempre será dependente de outros, seja na infância, velhice ou em casos de doenças e acidentes. O ser humano é codependente. Gawande diz que a “vida é inerentemente dependente dos outros e sujeita a forças e circunstâncias além do controle”.²⁷

É preciso lembrar de um outro grande problema que surge ao assumir para si a prerrogativa de “ser livre enquanto não estiver fazendo mal a ninguém”. Afinal, como se pode definir o que é mau ou bom para os outros sem um fundamento externo de moralidade? Esse conceito só funciona se todos estiverem de acordo quanto ao que é bom e ruim. Como uma pessoa pode definir o que fere outras pessoas se não for capaz de definir o que é uma vida boa e próspera em comum acordo com todos? O que dizer de uma pessoa que acredita não estar fazendo mal nenhum ao tratar uma mulher como objeto, pois essa é a concepção que ele possui de boa vida? Keller conclui esse mesmo pensamento dizendo que “é uma hipocrisia afirmar que hoje concedemos às pessoas muito mais liberdade, quando, na verdade, estamos todos lutando para impor nossas crenças morais acerca do que constitui dano sobre os outros”.²⁸

Como não existe consenso do que seja uma boa vida, restrições morais para regular os atos de uma comunidade se tornam fundamentais para a sociedade. E uma ética cristã parece ser a única que oferece as melhores respostas para uma ética voluntária baseada na gratidão.

²⁵ KELLER, 2018, p. 136.

²⁶ KELLER, 2018, p. 137.

²⁷ GAWANDE, Atul. **Mortais**: nós, a medicina e o que realmente importa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

²⁸ KELLER, 2018, p. 140.

Por fim, vale ressaltar que uma busca por liberdade absoluta, com total ausência de restrições, é contraditória pois inevitavelmente o ser humano acabará se submetendo a alguma coisa. O apóstolo Paulo já argumentou sobre isso em Romanos 1 quando diz que, deixando de adorar o Criador, os seres humanos adoraram a criação e se tornaram escravos dela. Em vez do ser humano voltar para Deus, ele se voltou para as coisas boas criadas. O romancista ateu David Foster Wallace abordou a inevitabilidade do ser humano se tornar escravo de algo:

Nas trincheiras cotidianas da vida adulta, não existe isso de (...) não adorar. Todo o mundo adora. A única opção concedida diz respeito ao que adorar. E uma razão extraordinária para escolher algum tipo de deus ou ser espiritual para adorar (...) é que praticamente qualquer outra coisa que você adore acabará por devorá-lo vivo. Se adorar dinheiro e coisas, se for deles que você tira o verdadeiro sentido na vida, então jamais terá o bastante. Nunca sentirá que tem o suficiente. (...) Adore seu corpo, a beleza e a atração sexual e sempre se sentirá feio, e quando o tempo e a idade começarem a se tornar visíveis, você sofrerá um milhão de mortes antes que enfim o enterrem. (...) Adore o poder – e acabará se sentindo fraco e com medo, e necessitará de ainda mais poder sobre os outros para manter o medo sob controle. Adore seu intelecto, ser considerado inteligente – e acabará se sentindo estúpido, uma fraude, sempre prestes a ser descoberto.²⁹

Wallace, mesmo não sendo cristão, reconheceu que inevitavelmente o ser humano buscará algum elemento da vida para lhe dar propósito e satisfação, e conseqüentemente acabará sendo escravizado por ele. Portanto, o princípio pós-moderno de moralidade baseado na liberdade e satisfação individual não se sustenta. Uma ética com fundamentos externos é fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que ao excluir Deus como um agente externo para fundamentar a moralidade do mundo, perde-se completamente os fundamentos para uma ética que seja aplicável a todos. O naturalismo, a razão e a ciência não são capazes de encontrar fundamentos morais para a sociedade, visto que possuem limites quando o assunto é dizer como as coisas deveriam ser. Da mesma forma, a pós-modernidade com o conceito de liberdade e ausência de restrições para fundamentar aquilo que é correto se torna inviável e incoerente na realidade e prática. Uma ética com fundamentos externos ao próprio ser humano é indispensável e o cristianismo parece ter as melhores respostas.

Longe de uma moralidade fundamentada em obrigações, o cristianismo se baseia em uma ética voluntária, motivada pela boa notícia do evangelho de que na pessoa de Jesus, Deus reconciliou consigo o mundo, gerando amor e gratidão, uma motivação que surge do coração de cada indivíduo. No evangelho de João, Jesus afirma que se o “filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36). Como visto anteriormente, a verdadeira liberdade se encontra em escolher qual a melhor liberdade. Na restrição ao evangelho, o ser humano

²⁹ KELLER, 2018, p. 137.

encontra a verdadeira liberdade, pois o próprio Jesus afirmou que “seu fardo é leve e seu jugo é suave” (Mt 11.28).

Como afirmou Keller:

O cristianismo é a única religião que afirma que Deus abriu mão de sua liberdade a fim de que pudéssemos experimentar a liberdade máxima – a libertação do mal e da própria morte. Portanto, pode confiar nele. Ele sacrificou sua independência por você, de modo que você possa sacrificar a sua por ele. E quando o fizer, você descobrirá que essa é a limitação suprema e infinitamente libertadora.³⁰

Apenas no cristianismo é possível encontrar um fundamento moral no qual ao renunciar à liberdade, se encontra liberdade verdadeira. Apenas no cristianismo se pode encontrar uma motivação ética baseada no amor e na gratidão.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **Crise da modernidade e espiritualidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CAMPOS Jr, Heber. **Amando a Deus no mundo**: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019.

FRAME, John M. **A doutrina da vida cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

GAWANDE, Atul. **Mortais**: nós, a medicina e o que realmente importa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, Timothy. **Encontros com Jesus**: respostas inusitadas aos maiores questionamentos da vida. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEWIS, B. Smedes. **Mere morality**: what God expects from ordinary people. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

REGA, Lourenço Stelio (Org.). **Paulo**: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida, 2004.

SIRE, James W. **Universo ao lado**. Brasília: Monergismo, 2017.

TAYLLOR, Chales. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

³⁰ KELLER, 2018, p. 138.